

MONTEIRO LOBATO E OS ESTADOS UNIDOS: REFLEXÕES NIETZSCHIANAS

Carmen Lúcia Felgueiras
(Professora do PPGSD/UFF)



No Whitehall Building (edifício em primeiro plano) localizava-se o escritório de Lobato em Nova York
Imagem disponível em <http://lobato.globo.com>

RESUMO

Neste artigo pretendo discutir uma concepção de sociedade norte-americana, vigente na primeira metade do século 20, mas cujos ecos ainda reverberam entre nós, dada a imensa e permanente influência de seu formulador. Tratam-se aqui das idéias de Monteiro Lobato e da inspiração que encontrou em Nietzsche para formular sua visão a respeito daquela sociedade. No último Fórum Social Mundial, José Saramago nos advertia para os riscos das utopias tornarem-se ficções totalizantes. Pretendo mostrar aqui que essas implicações foram plenamente percebidas por Lobato, que se vê diante do paradoxo que resulta em partir de Nietzsche e aceitar a existência de um modelo que funcione como utopia desejável. Creio que este retorno a Lobato não deixa de ser oportuno e capaz de nos oferecer *insights* esclarecedores, principalmente se observamos ser constitutiva da condição do presente, em nossa sociedade, uma relação ambivalente com a “América”, seja como objeto de desejo, seja como aquilo que devemos repelir ou negar.

ABSTRACT

This article intends to discuss a conception of North-American society, formulated at the beginning of the twentieth century, but extremely present-day because of the enormous and permanent influence of its formulator, Monteiro Lobato, a Brazilian author and essayist, who has written a vast literature for children and adults. Here I intended to show that the risks of an utopia becoming “totalitarians fictions”, as José Saramago advised in the last World Social Forum, was very well understood by Lobato when he looked at the paradox that is to base oneself in Nietzsche and to accept a model of society as something desirable. The opportunity of this return to Lobato is the possibility of reflection about our ambivalent relationship with “America” that sometimes appears as a desirable objects, sometimes as something that we should deny.

A preocupação com os Estados Unidos sempre esteve onipresente na obra de Monteiro Lobato, mas é em **América** que esta se revela de modo a permitir uma interpretação mais articulada, como síntese que é de formulações anteriores. Publicado em 1932, **América** é o resultado literário da primeira e única viagem do autor aos Estados Unidos, para onde embarca em 25 de maio de 1927, como adido comercial do governo Washington Luís. O livro foi construído sob a forma de um longo diálogo entre o narrador e “Mr. Slang”, personagem já conhecida dos leitores, um inglês erudito e sábio, mas prosaico morador do bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, com quem o narrador tem a agradável surpresa de reencontrar-se na América, para introduzi-lo (e ao leitor) em sua “realidade americana”. Neste livro, Lobato vincula os motores do desenvolvimento e da modernização da sociedade norte-americana a um ideal de homem, à expansão das forças materiais que põe em movimento; forças comandadas por homens dotados da vontade de potência (o he-man nietzschiano) em tudo opostos aos nossos homens resignados, dos quais o caboclo é o protótipo.

A disciplina de que são dotados, originária do meio natural, torna-se, em se tratando dos agentes, vontade com fins utilitários, em proveito da eficiência e do aumento de sua potência, reaproximando-o da natureza. No caso de seu oposto, a ineficiência brasileira, suas fontes já não são apenas as naturais, mas também sociais, conforme analisa o narrador de **América**:

(...) as formas da praxe, humilhantes, com que um cidadão se dirige aos altos funcionários brasileiros, vêm do tempo em que eles eram os agentes sagrados do Rei, e a humanidade a rastejante serve dos reis (América, p.284).

Por isso, já há muito via como única solução

(...) mudar de política, fazer o que os Estados Unidos fizeram. Arrancar do seio da terra o ferro e transformá-lo em mil máquinas que nos aumentem a eficiência dos músculos. Arrancar o petróleo para o reduzir a essa potente energia mecânica que move as máquinas. Não mais homens resignados que se repimpam na anca de pobres jêgues e cavalicoquesmas “he-men” que chispem em autos, que risquem o céu em aviões, que espantem os sururús das lagoas com a velocidade dos “motor-boats” (Mundo lua e miscelânea, p.101).

Podemos supor então que, ao operar com o que sociologicamente se designaria como os paradigmas da “ordem”, incluindo tanto as explicações do meio e da raça, como o econômico e cultural, e os da “ação”, cuja forma específica termina por cancelar as possibilidades de manifestação do voluntarismo do ator (seja por que se trata de

uma vontade “naturalizada”, seja porque a ação instrumental escapa a qualquer avaliação sobre valores, pois, o fator motivador real é o desejo da parte do ator de maximizar sua vantagem), Lobato produz uma visão de Estados Unidos fundada na idéia de força, mas de uma força impessoal, da qual nem os próprios norte-americanos possuem o controle.

Só as virtudes troglodíticas interessam realmente ao homem comum, tão perto está ainda ele do troglodita. [...] O homem realmente só vibra quando vibra dentro dele os milênios de peludos avós do tempo das cavernas, dos ursos speleus, do tigre de dente de sabre. A coragem louca, a audácia sem limite, ‘o vai ou racha’, a Força, em suma ... (América, p.100).

A visão de homem norte-americano que resulta de **América** é a do homem utilitário e dotado de vontade de potência. Ao moldar essa figura híbrida, Lobato estaria se fazendo ponto de confluência de dois pensamentos que não estão associados de modo evidente. A filosofia de Nietzsche e o utilitarismo anglo-saxão. Até pelo contrário. Nietzsche inicia sua **A Genealogia da moral**, com a crítica aos “psicólogos ingleses”. O ponto desta crítica é o sentido a-histórico que adquire a “genealogia da moral” dos utilitaristas, ao fundá-la nas paixões do indivíduo e pior, no indivíduo burguês. Lobato parece ignorar tais comentários e, assim, compatibiliza ambos como se este burguês fosse uma versão atualizada das raças nobres de que fala Nietzsche, louvando-lhes

(...) a audácia louca, absurda, espontânea; a própria natureza das suas empresas imprevisas e inverossímeis; a sua indiferença e o seu desprezo da comodidade, do bem-estar, da vida; a alegria terrível e profunda em toda a destruição, os prazeres da vitória e da crueldade (América, p.44).

Por outro lado, e de modo não excludente com o irracionalismo nietzschiano, o burguês de Lobato é um bárbaro “calculador”, possui uma racionalidade e utiliza-se dela como um instrumento de dominação, mas revestindo seus atos com as boas intenções, o altruísmo de que se faz portador. Lobato não excluiria nenhuma dessas características; seu burguês é exatamente uma síntese e, neste sentido, uma unidade complexa.

Como ocorre freqüentemente com todo grande autor, a leitura que Lobato faz de Nietzsche é multifacetada; temas e questões estarão sendo enfatizados, ora à medida que filtra ou expressa orientações de época, ora quando, de forma idiossincrática, os articula a leituras de autorias e preocupações diversas.¹ Lobato retira de Nietzsche, pondo-os em relevo, temas como: a celebração da criatividade, da experimentação; a crítica da civilização, o poder frutificador do mito em sua monumentalidade, a ênfase na vontade, na auto-criação e nas aspirações mundanas. Estes

temas percorrem o conjunto da sua obra e ali são sustentados de forma positiva e, creio, evidenciando uma aposta no seu potencial de conferir significado ao mundo.

Também é certo que ele pretendia ir além de Nietzsche. Faz parte seu entendimento do *vade mecum vade tecum* nietzschiano ultrapassá-lo e isto significa, para Lobato, considerá-lo apenas na forma, pois acredita que alguém poderia seguir preceitos totalmente contrários a Nietzsche e ainda assim estar de acordo com ele, ao valer-se da autodisciplina e da vontade. Mas, no fundo, nada seria tão nietzschiana quanto esta pretensão de superá-lo...

Por conseguinte, em um esforço de síntese, gostaria de sugerir que a incorporação de Nietzsche por Lobato se dá em três direções:

A primeira se faz em torno do vitalismo. De acordo com Aschheim, o vitalismo de Nietzsche influencia decisivamente a Filosofia da Vida com sua defesa “*da primazia da intuição e da vida sobre a estupidez da razão*” (*idem*, p.13). Este vitalismo afirmativo congrega a crítica eugênica da fraqueza e das forças negadoras de vida e, conseqüentemente, a celebração da força e da saúde.² Nesta mesma direção caminha Lobato, quando, por exemplo, analisa a novela de J.A. Nogueira, “A vida de La Rioja”, na qual o pessimismo da personagem não resulta em suicídio porque

(...) a vulgaridade do remedio não sôa bem aos espiritos fortes[...] subsiste sempre um fundo subconsciente de resistencias em reserva. Isto explica porque não se suicida Schopenhauer; refluindo mais tarde, ao contrario disso, em Nietzsche, na mais esplendorosa afirmação da vida (Idéias de Jéca Tatú, p.155).

Como correlato desta adoção do vitalismo, Nietzsche norteia a crítica de Lobato à razão, esboçada desde 1906:

(...) [q]ue é que chamamos felicidade senão a perfeita harmonia entre corpo e alma, o perfeito funcionamento de ambos - a direção da vida entregue aos instintos ou a vozes misteriosas do nosso ignoto? Nunca entregue à razão. A razão é uma coisa cheia de padres e bispos, de professores e filósofos, de tiranias e sedimentações de vontades alheias (A barca de Gleyre ,v.1, p. 127)

Porém, o que tem em vista é uma teoria da Vida Perfeita, uma busca do equilíbrio:

(...) escuto a voz do corpo e a voz do espirito e ponho a Vontade ali de pé, muito solícita, para dar às duas vozes tudo quanto elas pedem (idem).³

Esta é a segunda via de incorporação de Nietzsche, na qual se manifesta o irracionalismo do filósofo.

Em terceiro lugar, Nietzsche estará no centro de sua preocupação com a formação de um estilo literário e artístico próprio:

Para a filosofia, Nietzsche, que é um tanque desbravador de tudo, e tem a coragem de nos dizer: Vade mecum? Vade tecum Queres seguir-me? Segue-te” (A barca de Gleyre , v.2, p.155).

Dando por suposto que a filosofia de Nietzsche estará onipresente em tudo quanto Lobato escreve, alguns problemas deverão ser enfrentados, considerando a peculiaridade de sua leitura:

Lobato parece articular o vitalismo e o naturalismo, ou seja, Lobato faz uma leitura naturalista do vitalismo nietzschiano, à qual se agregam as teses do darwinismo social. Neste sentido, ele promove uma naturalização da força e da vontade: sua visão dos americanos como bárbaros é conseqüência de um entendimento da vontade e do interesse como determinações: primeiro da raça e do meio e, depois, das condições econômicas, que, como pudemos observar, estão sendo definidos como processos objetivos e impessoais e que cumprem uma trajetória de evolução. Além disso, Lobato possui um ideal de homem natural que se torna referência para uma crítica da moral e da sociedade.

Lobato transforma o problema da individualidade pessoal no problema da individualidade coletiva. Resolvendo desta maneira a oposição entre o utilitarismo e a filosofia nietzschiana, a que me referi anteriormente — o problema ético aqui é traduzir interesses pessoais (vontade pessoal) em interesses coletivos. A questão mais geral que estará sendo colocada é a de como Lobato concilia a ênfase na individualidade e uma política com vistas à constituição da nacionalidade, com sua própria ênfase em processos coletivos.⁴

Lobato está plenamente consciente desse dilema, tanto que aponta a urgência de se buscar caminhos novos para o indivíduo num mundo que tende para a massificação. No entanto, o faz subordinando a questão ética, uma ética individualista, ao problema prático em que entram em jogo interesses coletivos. Deste modo, na construção da idéia de homem e sociedade norte-americanos, o prognóstico de Lobato já está presente no diagnóstico: ao prever o fim do indivíduo na América, como parte da tendência da sociedade industrial, ele conta com uma concepção de força que desindividualiza os membros daquela sociedade.⁵ Para isto, a principal operação que realiza será a de converter a idéia de indivíduo, central na filosofia de Nietzsche, nas individualidades históricas. E, de modo correlato, converter uma questão de estilo pessoal na de identidade nacional.

Por outro lado, de modo coerente com a naturalização da força que promove, Lobato une o voluntarismo irracionalista de Nietzsche a um voluntarismo coletivista o que torna problemático atribuir a ele o desejo de formulação de um projeto de desenvolvimento nacional, dada sua crença na irracionalidade dos processos coletivos. Assim, o voluntarismo de Lobato não é de tipo

individualista, o que fica explícito em sua crítica aos futuristas:

Formamos, os escritores, uma elite inteiramente divorciada da terra [...] o público não os lê porque não lhes entende mais as idéias nem a língua. O resultado da campanha futurista irá apressar o processo de unificação entre língua falada/escrita. [Mas isso] “[n]ão é obra de um homem, nem de um grupo. É obra do tempo e do povo (Na antevéspera, p.112).

E o sentido como Lobato trabalha com a idéia de uma vontade coletiva parece bastante próximo da vontade orgânica de Tönnies, para quem

(...) é a vontade profunda do ser, aquela que expressa a espontaneidade e o movimento da própria vida. Como tal, é a fonte de toda criação e de toda originalidade individual [...] Tendo sua origem no passado, é motivada e evidente, manifestando-se no prazer, no hábito e na memória (Freund, p.211).

Evidentemente, Lobato não chega a formular tais conceitos, nem a defender a *comunidade* contra a *sociedade*, que, como sabemos, é o caso de Tönnies, como pelo contrário, dada a intervenção de seu utilitarismo e, creio, também por uma avaliação da debilidade da nossa “vontade de força”, a “vontade reflexiva” **deveria** passar comandar o processo social, tal como verificamos em “A Grande Ideia”, onde ele afirma que

(...) progredir, hoje, é menos encher a caixa dos bancos ou o pé de meia plebeu do que aperfeiçoar, cultivar o cérebro. Só esta cultura fornece indestrutíveis bases econômicas [...] O nosso magno problema é, pois, o homem, o cérebro. E como a escola é o que o faz e o refaz, o nosso magno problema se reduz a escolas (Na antevéspera, pp.215 e 220).

Se em nosso caso, resta a saída artificial, em contrapartida, conforme sugeri, em **América**, Lobato localiza uma única fonte, a natureza, para a força do homem americano, sendo que esta pode ser representada tanto pelas “virtudes troglodíticas”, que compõem algo como uma natureza humana em estado puro e outra, “a força moral de um Lincoln”, produto da interação daquela natureza com a civilização.

Eu me acho capaz de escrever para os Estados Unidos por causa do meu pendor para escrever para as crianças. Acho o americano sadicamente infantil (A barca de Gleyre, v. 2, p.293).

Isto porque:

O lindo da criança, o ultra lindo das crianças está em que são naturais. Com o crescer mete-se a educação a fazer do animalzinho natural o animalinho social. Educar vale dizer socializar, isto é, artificializar. Daí a estupidez adulta. Educação... Meio de arruinar a exceção em proveito da regra, disse Nietzsche. Meio de destruir a coisa única que dá valor - personalidade, individualidade. Mas... (América, p. 211).

Assim, o argumento desenvolvido em **Améri-**

ca — a presença das teorias deterministas (“Uma criatura nascida e desenvolvida aqui não pode ser igual aos demais seres humanos. Há de ser mais”. **América**, p.255.) não é contraditório com a idéia de homem norte-americano indissociavelmente ligada às noções de força (Lobato repetidas vezes demonstra ver o homem americano como um hércules, um titã).⁶ É quando Lobato fala de Henry Ford que o argumento se torna ainda mais claro. Ford, como portador da força natural comum a todos os americanos, é o protótipo de uma **natureza** humana em sua expressão livre, voluntária. Tal qual os bárbaros de que fala Nietzsche em **Genealogia da moral**, prescinde de modelos, prescinde até de Lincoln.

O Lobato crítico da razão e o Lobato adepto do vitalismo, e em busca de uma individualidade essencialmente original, estão unidos neste resumo de biografia, escrito em 1926:

[Ford] Nasceu mecânico e jamais trocou o estudo direto das coisas pelo estudo falaz dos livros. Educou-se a si mesmo e vem disso grande parte da sua vitória. Quem entope a mioleira com a vida morta dos livros, é inábil para bem compreender a vida viva das coisas humanas. Olhava com seus olhos, pensava com seu cérebro, fazia com suas mãos” (Prefácio a “Minha Vida e Minha Obra”, p. 64, grifo meu).

Esta atitude de um Ford tinha como fundamento algo que percebera como essencial em um artigo de 1932, quando Lobato comentava a idéia de Cicinato Braga sobre a possibilidade de extração do azoto do ar:

Se tivermos espírito de iniciativa,⁷ se aquela flama que chameja no cérebro norte-americano ardesse também no nosso, em vez de estarmos aqui a brunir a cidade para regalo do real olho de SM Alberto, estavamos a armar turbinas nos despejadouros do rio Paraná. E dentro de um ano, com todos os problemas resolvidos, olhariamos d’alto para a soberba, ex-perfida albion, e dariamos boas gargalhadas quando nos falassem do milhardarismo yankee (Na antevéspera, p.310, grifo meu).

“Espírito de iniciativa” que significa vontade de poder, e de que dependem as realizações materiais, é um atributo ambicionado por Lobato não para um ou alguns - aqui, ele fala na primeira pessoa do plural - mas para a sociedade brasileira. Nesse sentido, para entender este salto, da atitude individualista de um Ford para qualidades pertencentes ou necessárias a um povo, encontramos na literatura uma referência a uma experiência histórica que procurou

(...) conciliar pressupostos nietzschianos, a ênfase na individualidade com a necessidade de conduzir uma política coletiva e nacional com uma tendência burguesa para incorporá-la numa moldura coletiva e nacional (Aschheim, 1992, p.116)

O que se traduziu numa tensão pois, na verda-

de, este não se constituía num problema nietzschiano, ou seja, para Nietzsche a “personalidade autônoma era posse de poucos e seria um grande erro generalizá-la” (idem, p.117). Aschheim, em sua análise sobre as várias interpretações pelas quais passou o pensamento de Nietzsche na Alemanha, associa àquela preocupação ao “Youth Movement”.⁸

A transição efetuada por Lobato da individualidade à coletividade⁹ parece, então, se resolver no sentido semelhante ao desse movimento alemão, resultado de uma leitura de Nietzsche em que a

(...) se a personality tiver realmente importância, a raça futura não poderia existir numa isolada auto-absorção; ela teria que estar integrada numa comunidade. A realização pessoal nietzschiana foi portanto dissolvida [por este movimento] na nação. [...] Uma cultura saudável, ou, seu principal jornal proclamava, “uma vida nacional saudável, precisa de uma devoção dionisiaca (Aschheim, 1992, pp. 117 e 119).

Confirmando minha suposição de que, em relação a Nietzsche, Monteiro Lobato demonstrou ter sido sempre um excelente discípulo (“Nunca o li totalmente, de medo de assimilá-lo demais e tornar-me nietzschiano” [Conferências, artigos crônicas, p.223]),¹⁰ veremos que, em América, é efetuada operação semelhante à desse movimento alemão: os Estados Unidos, em vez de ponto final de um processo evolutivo de caráter universal, são (como coletividade e nacionalidade) uma individualidade única. Conforme veremos, a principal consequência disto é que, de forma coerente com o irracionalismo nietzschiano, Lobato percebe o quão problemático será vê-los como modelo a ser copiado, ou seja, os EUA não são apogeu da racionalidade. Caberá então, considerá-los como referência, como forma e não exatamente em seus conteúdos, o que nos leva a crer que sua *America da força* seja na verdade o resultado de uma estilização do real.

O modo de incorporação de Nietzsche por Lobato parece ter, portanto, um alcance mais amplo, configurando também a relação deste último com a *América da força*.

A América que Lobato nos apresenta é fruto de um certo ponto de vista que, inevitavelmente, traz em si uma avaliação. *America* e alguns livros da obra adulta de Lobato expressam um posicionamento, em geral positivo, diante daquela sociedade, e, por conseguinte, o objetivo de examinar em que medida é possível que ela nos sirva de modelo. Teria a experiência americana alguma utilidade para nós, é a pergunta implícita que percorre o texto de Lobato, qualquer que seja, quando se trata daquele povo e daquele país.

Como vimos, Lobato procura responder afirmativamente àquela pergunta, através de uma

visão de sociedade norte-americana fundada na idéia de força. Cabe-me agora examinar mais detidamente esta hipótese, confrontando-a com o que chamarei de a *América do espírito*, quando Lobato assume uma perspectiva de análise que parece dificultar a constituição de um modelo de sociedade a ser incorporado.

Cada vez me sinto mais americano. Tudo na América me interessa, e se leio coisas antigas daí, ou vejo desenhos antigos, como os vistos nas revistas de livros que me tens mandado, sinto uma tal saudade... Creio que na última encarnação fui americano. Ou fui americano em muitas encarnações. Uma gravura antiga daqui não me diz nada. Um aspecto qualquer do Alden Pond, de Concord, da velha Charleston ou da Filadélfia do Velho Penn me comove. Estranho, isto. Tão estranho que só me explico como efeito de vidas anteriores passadas aí. Comprova isso o fato de que o que me interessa nos States (é) ser o país antigo, dos trails, dos wagons, dos saloons de Denver. Um romance de Alencar ou Macedo não me acorda coisa nenhuma na alma; já os livros de Jack London, de Melville e mesmo os de Mark Twain com cenas do Mississipi bolem comigo. E minha fúria petrolífera e ferrífera talvez não passem de ecos (Cartas escolhidas, v.2, p. 216).

O interesse de Lobato por esta América “não convencional”, torna-se surpreendente se o confrontamos com a idéia de força, fundamento de sua narrativa, quase sempre elogiosa, de uma modernidade radicada na idéia de progresso, em busca de riqueza e poder, uma sociedade da força, em tudo oposta à compreensão da América como associada a orientações no sentido da permanência, estabilidade e agrupando em torno de si as noções de cultura e tradição.¹¹ Confirmando a hipótese das “duas Américas”, a referência sem mediações entre a América do passado e o abandono de sua “fúria petrolífera”, no texto que acabei de citar, estaria claramente indicando a passagem de uma concepção de *América da força*, produto de seu voluntarismo, para a *América do espírito*, produto de um desejo de compreensão do significado, do sentido daquela sociedade.

Assim sendo, Lobato compõe uma visão de América peculiar. Dados os atributos de sua natureza e de sua cultura, os EUA preservaram vivo aquele ímpeto original não generalizável, excluindo uma única via, um único movimento global em direção à racionalização e à burocratização contínuas. Doravante, passa a compartilhar do espectro de preocupações do autor o modo como os valores tradicionais deveriam ser incorporados, o que dará outra feição ao ideal lobatiano de cultura, cuja primazia antes estava na produtividade voltada para resultados e projetada para o futuro. E, tal como há duas Américas, não é singular o entendimento da história e da sociedade que atravessa sua obra, ou seja, constituem perspectivas diversas que, conjugadas, irão configurar suas visões diferenciadas de América.¹²

Na *América da força*, como poderemos ob-

servar na passagem citada a seguir, está presente uma certa noção de monumentalidade,¹³ a partir da qual são enfatizados caracteres gerais, capazes de servir de modelo, de exemplo, para outras experiências nacionais.

Washington é um símbolo de pedra. A história americana está toda ali. Basta uma visita à cidade para que os fatos capitais da formação política da América se desenhem para sempre em nosso espírito. Daí a forte reamericanização que sofrem os americanos de visita à capital. Saem de Washington mais americanos, mais exaltados na tremenda fé em si próprios que acima de tudo os caracteriza. Povo eleito para os mais altos destinos, Washington é o crisol místico onde se sublima essa fé cega. From Washington we go home better americans” (América, p.32).

Já na *América do espírito* encontra-se presente uma certa visão “documental”,¹⁴ com sua própria ênfase no singular, nas tradições especificamente nacionais. Tanto uma quanto a outra América carrega consigo um conjunto de termos associados: em torno da *América da força* estão a virilidade, os negócios, a produção artificial da vida, a racionalidade instrumental; em torno da *América do espírito*, ou “do cotidiano”, estarão associados: literatura, feminilidade, produção natural da vida, subjetividade e sensações.

Mas, o uso que Lobato pretende fazer da América, sua utilidade para a “vida nacional” encontra seus limites tanto na estetização¹⁵ que constitui a América monumental, como em seu *espírito*, nas coisas menores, nas quais se tropeça. Mais nietzscheano do que pretendia (“Nunca o li totalmente, de medo de assimilá-lo demais e tornar-me nietzscheano” [Conferências, p. 223]) essa *América do espírito* também importa na justa medida de sua utilidade para a vida, mas aqui, dada sua singularidade, aquelas minúcias de que se compõem acabarão por constituir um estorvo para o próprio Lobato, quando lhe dizem ser impossível dar forma à América (ou ao Brasil), constituir-se num semideus, através de sua vontade modernizante.

Na verdade, embora Lobato aprofunde e radicalize sua crítica à estetização romântica do mundo, quando concebia a *América da força*, ele não deixava de operar com uma vontade estetizante. (“O ferro esponja, Rangel! Eis a beleza suprema” [A barca de Gleyre, p.312]). Se seu pensamento se coloca contra a visão romantizada de nossos bacharéis, contra uma literatura preocupada com “o chazinho que beberica no Alvear”,¹⁶ a estrutura polifônica com que concebe *América* tanto reitera a crítica à estetização romântica do mundo,¹⁷ como abre caminho para uma autocrítica (não serão poucas as referências à sua própria ingenuidade, vide subtítulo de *Na antevéspera*: “Reações mentais de um ingênuo”)¹⁸ e isto precisamente quando a “visão documental”

que produzira uma América singular, produto da ação cotidiana de seus membros, começa a ganhar destaque em suas interpretações.

Creio que duas passagens ilustram a percepção bem clara que Lobato tem da diferença entre um uso abusivo do exemplo e uma utilização pragmática desse exemplo, seja sob a forma de monumento seja sob sua forma antiquária, e que venho aproximando do cotidiano, através da preocupação comum com as minúcias.

Tendes sede? No bar só há chopps, grogs, cocktails, vermouths. Tendes fome? Dão-vos sandwiches de pão alemão e queijo suíço. Lá apita um trem: é a Inglesa. Tomais um bonde: é a Light. Cobra-voç a passagem um italiano. Desceis num cinema: É iris, Odeon, Bijou. Começa a projeção: é uma tolice francesa de Pathé ou uma calamidade da Itália (O Saci-Pererê: resultado de um inquérito, p.12-3).

A outra passagem mostra justamente o inverso, mantendo-se comedido no uso da perspectiva antiquária, Lobato adota não a atitude reverente e o uso indiscriminado do que é estrangeiro, mas uma utilização pragmática deste mesmo elemento.

Conheço um que não cessa de catonizar contra os Estados Unidos e sua nefasta influencia na vida brasileira. [...] No dia em que mo apresentaram estava ele num bar a sorver regaladamente um ice cream soda, muito bem posto em seu terno de Palm Beach. Viera da Tijuca de bonde, estivera no escritorio a ditar cartas á datilografã, tinha falado tres vezes ao telefone e dado um pulo ao Leblon, numa Buick de praça, para concluir um negocio. Depois do ice iria ao Capitolio ver a Gloria Swanson na Folia. [...] Sem a influencia do americano esse homem teria de via da Tijuca a pé, cavalo ou de carro de boi. Gastaria tres horas e chegaria escangalhado. Sem o americano consumiria ele tres horas no minimo para fazer o que fez com as telefonadas. Sem o americano teria de gastar seis horas para a ida ao Leblon, se não morresse pelo caminho de insolação. Sem o americano teria de escrever á unha suas cartas, com poucas probabilidades de se fazer entendido no seu aranhol de gatafunhos. E se acaso depois de tamanha trabalhadeira inda lhe restassem forças para tomar uma hora de teatro, sem o americano teria de ir ver a sua beicuda e morrinhenta cozinheira a figura de “estrela negra” no Largo do rocio, em vez de maravilhar-se com o encanto da sereia de olhos de gata, que é a Gloria Swanson (Na antevéspera, p.197).

O que norteia esse movimento de Lobato na direção do pragmatismo é a preocupação com o presente e a formação da nacionalidade; seja em 1916, com a “urgência em resgatar o elemento nativo brasileiro, fosse ele um papagaio, curupira, macaco, bicho preguiça, tico-tico ou o ...saci” (Inquérito, p.64), seja em 1933, quando ainda procura contra os “nossos bucolizantes” desvencilhar-se de um olhar armado pelo estrangeiro, tornando-se capaz de transmitir a “[a] sensação da mata virgem, a inicial, a envolvente, a sensação a que todas as mais se ligam, como

as cambiantes se ligam às cores fundamentais, é única e inesquecível” (Na **antevéspera**, p.259).

Assim, o modo como Lobato vê a incorporação das tradições, a partir de uma perspectiva pragmática da história,¹⁹ termina por apresentar a modernidade ianque como um movimento de **ruptura com o passado**. “*Corromper, Mr. Slang, não será um sinônimo colérico de evoluir?*” (América, p.58). Essa ruptura não supõe entretanto partir de uma tabula rasa. “O que foi, foi. Deixou os seus resíduos positivos em nosso imo como material para a construção do Amanhã” (idem, p.260).

É deste **futuro**²⁰ portanto que se retira os critérios para julgar criticamente o passado, um passado que, entendido como **civilização**, deve ser superado para dar lugar a novas formas (idem, p.102, 105). O arranha-céu é então a nova forma para um novo conceito de habitação. A marcha para frente em matéria de arte, realizada na América, está calcada numa **atitude** de “desrespeito barbaresco, cujo alcance não pode ser compreendido de longe [da perspectiva européia]” (idem, p.121).

A arquitetura limita-se a ser a arte de construir honestamente [autenticamente ou de acordo com sua natureza ou essência que é a funcionalidade], logicamente, sem vergonha, sem pretensão ou subserviência para com as formas do passado que já não se coadunam com a vida moderna (idem, p.155).

Lobato é prolixo ao afirmar (e aprovar) essa relação pragmática dos americanos com os valores tradicionais; além das que já foram apresentadas, há várias outras demonstrações em *América*. Por exemplo, a relação de afinidade que Lobato estabelece entre as linhas helênicas e o caráter de Lincoln. É certo que viria do passado sua força moral. Mas, independentemente de sua origem, transformado em puro símbolo (herói ou semideus), Lincoln torna-se também fonte inesgotável da nacionalidade. Assim, ao invés de ocorrer uma rarefação dos valores tradicionais com a consolidação da racionalidade capitalista,²¹ tem-se, simultaneamente à crítica desta racionalidade, o resgate daqueles valores, através de um consumo que não implica em perda, em desgaste do objeto. “Consome-se Lincoln como se consome ‘hot-dog’. Consome-se George Washington como se consome sorvete” (América, p.33). Há, neste caso, obediência à um etos, pois Lincoln, George Washington são fontes de valores, mas ao mesmo tempo, dada a intimidade profana com que os americanos os tratam, eles são pragmaticamente utilizados com o objetivo de torná-los signos de força moral.

De fato é assim tudo na América. Evolução a galope, mas sempre procurando conciliar as formas [não a essência, o espírito] do passado com a essência do presente. [...] A coragem das formas novas não vem de chofre. Leva tempo a formar-se (idem, p.105).

Trata-se de uma visão evolucionista que procede segundo o método nietzschiano de destruir para criar:

Neste sentido, as idéias verdadeiras não se mantêm em virtude de sua antigüidade mas de sua tradução de sentimentos e manifestações coletivas. Diante das “intrépidas manifestações do americanismo”, a atitude dos “verdadeiros grandes homens do país” (que produzirão o Nietzsche americano por ele aguardado) deveria ser “costas voltadas para a Europa e berros dionisíacos na boca” (idem).

Como acabamos de ver, essa dialética entre a preocupação com a **permanência**, com a duração, visível na identificação que estabelece entre perpetuar e glorificar,²² e a preocupação com a **mudança** importa em que o entendimento de Lobato sobre os móveis do progresso sofra da mesma ambigüidade, ora operados por um princípio de destruição criadora, ora por resquícios do passado como “resíduos positivos em nosso imo” constituindo “material para a construção do Amanhã” (idem, p.260).

Evidentemente, encontramos na obra de Lobato uma crítica à sociedade industrial. O meu ponto, porém, é que essa crítica é mais extensa, pois encontra-se aplicada à própria civilização em seu todo. Por outro lado, o enigma da existência simultânea de uma crítica à sociedade norte-americana e o nascimento de uma civilização natural nos Estados Unidos resolve-se com a incorporação da idéia de duas Américas. Ou seja, se não distinguirmos as duas visões de Lobato sobre a América não entenderemos porque os Estados Unidos podem vir a ser a fonte de criação de uma nova sociedade.

Assim, o que chamo a *América do espírito* é também o resultado de uma visão irônica de Lobato a respeito da *América da força*. O futuro, compreendido sob o signo da força, embora tenha sido experimentado, torna-se uma saudosa utopia a partir do momento em que se verifica sua impossibilidade de realização em terras nacionais.

Faz sentido, portanto, que ele abandone um voluntarismo da ação, com seu ímpeto estetizante, e adote uma postura voltada para a pedagogia, através de sua literatura infantil, contribuindo dessa forma para a obra coletiva que é a feita da sociedade.

Por conseguinte, interpreto o pessimismo de Lobato como estritamente relacionado à sua vontade de estetizar a realidade (as tentativas reformistas dos personagens - refiro-me à **Reforma da Natureza** e à **A chave do tamanho** - são mal-fadadas), à possibilidade da vontade de impor um projeto utópico, do qual faz parte a *América da força*. Por outro lado, este pessimismo desvincula-se da crença na possibilidade de que a sociedade conduza sua própria transformação, da crença no *espírito* criador dos seus membros, que se revela

apenas em seu fazer cotidiano.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Carmen Lucia de et alii. (1977) **Monteiro Lobato. Furacão na Botocúndia**. São Paulo, Editora SENAC.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquén de .(1994), “À sobra do vulcão — Comentário à “Pathos da Travessia Terrena - O cotidiano de Erich Auerbach” de Hans Ulrich Gumbrecht, in **Erich Auerbach. V Colóquio UERJ**. Rio de Janeiro, Imago.

ASCHHEIM, Steven.(1992), E. **The Nietzsche Legacy in Germany 1890-1990**. Berkely, University Of California Press.

AUERBACH, Erich.(1980), **Scenes From The Drama Of European Literature**. Minneapolis, University Of Minnesota Press.

CAMPOS, André. (1986), **A República do Picapau Amarelo. Uma leitura de Monteiro Lobato**. São Paulo, Martins Fontes.

CAVALHEIRO, E. (1962), **Monteiro Lobato, Vida e Obra**. 2 vol., 3ª. edição, São Paulo, Editora Brasiliense.

CHIARELLI, Domingos T. (1995), **Um Jéca nos vernissages**. São Paulo, EDUSP.

FRIAS FILHO, Otávio. (1998), “Rememórias de Emília”, in **Folha de São Paulo**. Mais! 28 de junho.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. (1994), “Pathos da Travessia Terrena - O cotidiano de Erich Auerbach”, in **Erich Auerbach. V Colóquio UERJ**. Rio de Janeiro, Imago.

HOFSTADTER, Richard. (1967), **Antiintellectualismo nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

_____.(1963), **Social Darwinism in American Thought**. Boston, The Beacon Press.

LAIJOLO, Mariza.(1985), **Monteiro Lobato**. São Paulo, Brasiliense. Encanto Radical, 72.

LANDERS, Vasda Bonafini. (1988), **De Jeca a Macunaima. Monteiro Lobato e o Modernismo**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

MONTEIRO LOBATO, J. B. (1964), **Obras Completas**. 1ª Série - Literatura Geral. São Paulo, Brasiliense.

_____. (1955), **Obras Completas**. 1ª Série - Literatura Geral. São Paulo, Brasiliense.

_____. (1947), **Obras Completas**. 2ª Série - Literatura Infantil . São Paulo, Brasiliense.

NIETZSCHE, F. Friedrich. (1985), “On the Uses and Disadvantages of History for Life”, in *Untimely Meditations*. Cambridge, Cambridge University Press.

NUNES, Cassiano. (1998), “Um Visionário na Intimidade”, in **Folha de São Paulo**, Mais ! 28 de junho.

OSMONT, Annik. (1989), “L’exportation des Modèles utopiques au XIX e siècle. La foi expérimentale des disciples”, in **Les Annales de la recherche urbaine**, n.42.

QUEIROZ, Eça de. (1970), **As Cidades e as Serras**, in **Obra Completa**. Rio de Janeiro, Aguillar, vol. 2.

VASCONCELLOS, Zinda Maria C. (1982), **O Universo Ideológico da Obra Infantil de Monteiro Lobato**. São Paulo, Traço Editora.

VIANNA, A. e FRAIZ, P.(orgs.) (1986), **Conversa entre Amigos. Correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato**. Salvador, Fundação cultural do Estado da Bahia, Rio de Janeiro FGV/Cpdoc.

NOTAS

¹ Se o interesse por Nietzsche na Europa está orientado por uma revolta contra o positivismo e o materialismo, uma rebelião geral contra a burguesia liberal, pela descoberta do inconsciente, configurando uma era do irracionalismo e do neo-romantismo, e da emergência do modernismo (Cf. Steven Aschheim, 1992, p. 12), veremos que os motivos de Lobato serão em certa medida opostos, ou seja, positivista e materialista, liberal e burguês, em luta contra o romantismo e contrário ao modernismo nas artes plásticas e visuais.

² O eugenismo de Lobato é reforçado pela atmosfera social-darwinista da época. Ver Hofstadter, 1963, p. 82.

³ Lobato parece aqui antecipar a preocupação intelectual da década de 20 — Auerbach é um exemplo — de definir a “autenticidade” como unidade corpo - espírito. Gumbrecht, Hans Ulrich, 1994, p.98.

⁴ Em *Idéias de Jéca Tatú*, por exemplo, Lobato trabalha com tal conversão do estilo pessoal para o coletivo. “Não ter cara é um mal tamanho que as cidades receosas de cria-la propria importam mascarar alheias para fingir que tem uma” (p.24). “Nossas casas não denunciam o país. Mentem á terra, ao passado, á raça, á alma, ao coração. Mentem em cal, areia e gesso, e agora, para maior duração da mentira, começamos a mentir em cimento armado.” (p. 25). E conclui, citando povos capazes de individualidade (holandeses, ingleses, japoneses, chineses, americanos) (p.26).

⁵ Além das referências em *America* (cf. Capítulo XXXII), Lobato comenta em carta a Alarico Silveira [na época, 1928, chefe da casa civil de Washington Luís] que sem o ferro os norte-americanos acabariam chininizando-se, ou seja, ao invés de uma massa rica, seriam uma massa pobre (*Cartas Escolhidas*, v. 1, p.235).

⁶ Cf *America*, pp. 50 e 254.

⁷ Esse espírito de iniciativa, empreendedor, do qual a América é o paradigma estaria, num primeiro momento, associado às imagens viris construídas em torno do dinheiro, por oposição às imagens femininas associadas à literatura. “— Como vai ser? Perguntou Pedrinho voltando-se para Narizinho. Como iremos abrir o nosso poço, se estamos completamente limpos de capitais?— Isso é lá com você que é homem, respondeu a menina. Dinheiro é assunto masculino - arrume-se.” (*O Poço do Visconde*, p. 71). A mulher americana, ao se profissionalizar como escritora, se tornaria um “bipede que se por fora ainda usa saias, por dentro é toda calças masculinissimas.” (*Mundo da Lua e Miscelanea*, p. 159). No âmbito de sua vida privada, vemos Lobato escondendo da mulher e dos filhos sua falência na bolsa. Essa cisão entre masculino e feminino reforça a idéia da ambivalência entre uma

imagem de América masculina, baseada na força que produz resultados materiais e outra feminina, que atua no plano mais abstrato da própria força vital.

⁸ Aschheim se refere ao movimento contracultural surgido na Alemanha na primeira metade do século, cuja natureza regeneradora, antidecadentista, e cujo naturalismo, de modo semelhante a inúmeros outros que povoaram a Alemanha Imperial antes da primeira guerra, expressavam ironicamente uma época de rápida industrialização.

⁹ Cf. *Na Antevespera*, quando comenta os benefícios que o direito de secessão traria (não só a São Paulo) aos povos: “o [benefício] de se agruparem as populações ao sabor das suas personalíssimas exigências vitais, e não como no passado ou hoje, ao sabor dos interesses políticos da ficção “estado”, de acordo com planos preconcebidos pelas dinastias ou pelo criterio ideologico dos estadistas.” (p.210).

¹⁰ Em 1907, escrevia a Rangel: “Quanto a Nietzsche, meu conselho é que passes por ele a galope no cavalo da tua inteligencia; no rabo desse cavalo amarrarás o iman do teu temperamento, de modo que na galopada o iman só atraia, só aproveite, só chame, aquilo que te convier e que, portanto, te virá aumentar. Se o forças a atrair o que te parece bom, bonito, util, embora não seja essa a opinião do teu temperamento ficas abarrotado, mas não aumentado.” (*A Barca de Gleyre*, v.1, p.162).

¹¹ Essa coexistência do tradicional e do moderno já fora notada, ainda que referida ao contexto bastante preciso da crítica de arte, por Chiarelli, para quem Lobato apóia sua crítica do modernismo nos cânones tradicionais do naturalismo e, inversamente, num segundo momento, recorre, ao que nele constitui argumento mais freqüente, à crítica do passado na defesa da modernidade. Segundo Chiarelli (1995), trata-se, em Lobato, de uma crítica simultânea e recíproca à tradição e ao moderno. A meu ver, a dualidade é constitutiva do pensamento de Lobato; conseqüentemente, a observação de Chiarelli faz sentido, com a ressalva de que nem sempre sua referência ao passado pode ser taxada de tradicionalismo. Ver, por exemplo, sua admiração pelo programa de rádio “Amos and Andy” ao qual qualifica como “obra d’arte que vive e que todos os dias por quinze minutos impregna o ar, donde é captada pelos milhões desses receptores que estão dando um sexto sentido ao americano” (*America*, p.113). Esta arte de massa possui uma verdade, já que é fruto da pesquisa, da observação da realidade.

¹² O argumento passo a expor transpõe para Lobato os conceitos de monumento, antiquário e crítica tal como os desenvolve Nietzsche (1985), quando postula os benefícios e os prejuízos causados à vida, respectivamente, pelo uso e pelo abuso das três espécies de história, a monumental, a antiquária e a crítica.

¹³ “Of what use, then, is the monumentalistic conception of the past, engagement with the classic and rare of earlier times, to the man of the present? He learns from it that the greatness that once existed was in any event once possible and may thus be possible again; he goes his way with more cheerful step, for the doubt which assailed him in weaker moments, whether he was not perhaps desiring the impossible, has now been banished. [...] and yet to learn something new straightaway from this example how inexact, fluid and provisional that comparison would be! How much of the past would have to be overlooked if it was to produce that mighty effect, how violently what is individual in it would have to be forced into a universal mould and all its sharp corners and hard outlines broken up in the interest of conformity! [...] Until that time [em que a singularidade estiver predeterminada] monumental history will have no use for that for that absolute generalities, in making what is dissimilar look similar; it will always have to diminish the differences of motives and instigations so as to exhibit the effectus monumentally, that is to say as something exemplary and worthy of imitation, at the expense of the causae: so that since it as far as possible ignore causes, one might with only slight exaggeration call it a collection of effects in themselves’, of events which will produce an effect upon future ages” (Nietzsche, p.69-70)

¹⁴ Estarei aproximando esta visão documental de Lobato da perspectiva da história antiquaria de Nietzsche, cujo interesse está em “to preserve for those who shall come into existence after him the conditions under which he himself came into existence – and thus he serves life [...] The trivial, circumscribed, decaying and obsolete acquire their own dignity and inviolability through the fact that the preserving and revering soul of antiquarian man has emigrated into them and there made its home” (idem, p.72).

¹⁵ O efeito estetizante produzido pela perspectiva monumental aproxima-a da invenção poética e da ficção mítica porque derivam do mesmo estímulo, o de valorizar o efeito em detrimento das causas (Nietzsche, p.70).

¹⁶ Para ele tratava-se de compreender a sua verdadeira missão, pois “a epopeia, a tragedia, o drama e a comedia do café serão os grandes temas de quantos sentirem em si a fagulha divina. Hoje, coitadinha, anda ela tão entretida com o seu chá das cinco, com rodopios em torno de meninas histericas, com a cintura dos alfomadinhas, com as escorrencias mercuriais que o francês nos exporta, que é bom, mesmo, não se meta a estragar com mãos de mico o nobre tema” (Onda Verde, p.5).

¹⁷ A estetização do mundo promovida pelo romantismo europeu centrava-se na valorização da figura do sujeito que converte o mundo, as diferentes experiências em “motivos estéticos cuja única finalidade é despertar seu prazer”. Cf.

,1994b, p.127.

¹⁸ Tendo amenizado seu voluntarismo, ele o substitui por uma visão de si, marcada pela ironia: “S.Paulo, 10/5/1947. Prezado Sr J.Henriques. Recebi a sua carta de 2 deste, na qual me pede um verdadeiro ‘compte-rendu’ da minha vida em beneficio da obra a publicar-se ‘Os Grandes Vultos do Brasil’. Respondo declarando que, em sã consciência, não posso atendê-lo: mas se por acaso a empresa Histórica Nacional houver, por bem, um dia, dar a público uma obra que muitíssima falta nos faz, ‘Os Grandes Idiotas do Brasil’, terei o máximo gosto em responder a todas as perguntas e até tomarei a liberdade de insistir para que me coloque num dos primeiros lugares. Com a maior estima e sensibilizadíssimo pela honra que me fez considerando-me ‘vulto’, assino-me cordialmente Monteiro Lobato” (Cassiano Nunes, 1998, p.9).

¹⁹ Essa perspectiva é semelhante àquela dos homens históricos, àquela que “looking to the past impels them towards the future and fires their courage to go on living and their hope that what they want they will still happen, that happiness lies behind the hill they are advancing towards” (Nietzsche, p.59).

²⁰ “O passado não mede, não define, não traduz o que criamos de novo” (America, p. 160).

²¹ “Quando o ascetismo [exercido como conduta racional baseada na idéia de vocação] foi levado para fora dos mosteiros e transferido para a vida profissional, passando a influenciar a moralidade secular, fê-lo contribuindo poderosamente para a formação da moderna ordem econômica e técnica ligada à produção em série através da máquina, que atualmente determina de maneira violenta o estilo de vida de todo individuo nascido sob esse sistema, e não apenas daqueles diretamente atingidos pela aquisição econômica, e, quem sabe o determinará até que a última tonelada de combustível tiver sido gasta” (Weber,1985, p.131).

²² “[Estes são] termos que se equívalem. Gloria, afinal de contas, é ficar na memoria dos homens, seja como santo, seja como aquele inteligente Erostrato que incendiou o templo de Diana em Efeso [pois celebrou-se]” (idem, p.98).

